

## RESENHA / *Book Review*



GIOL, Franck. **Lectures contemporaines de la crise de l'éducation.** Paris: L'Harmattan, 2009. 168 p.

Que pode o Brasil ter em comum com a França quando ainda luta para incluir a população na escola? Apesar das diferenças, ambos os países tratam repetidamente da crise da educação, que remete a uma crise maior da sociedade, em parte globalizada e comum a ambos os países. O autor trata dessa crise no seu país como o fim ou o início de alguma coisa, afinal uma oportunidade de transformação.

Conquanto inserida numa sociedade em acelerada mudança, a escola tende a considerar a crise como um fator externo a ser eliminado, o que contribui para agravá-la. Fica patente hoje a divergência de valores entre professores, alunos e a administração, ainda que o problema ultrapasse a escola e as relações entre os seus constituintes. O desenvolvimento econômico e a tendência à democratização do sistema escolar no pós-guerra deram inicialmente esperanças para a promoção social, norte da massificação da escola a partir dos anos 1960-1970. Todavia, com a crise econômica dos anos 1970, a demanda de “escola para todos” começou a gerar conflitos. Além disso, a modernidade e a pós-modernidade fragmentada dão origem a uma decomposição da “ideia educativa” propriamente dita, onde parece não existir o consenso (apesar de diversas reformas) do que educar, a quem, de que forma e para que resultados. Foi o que o autor detectou no estudo das mais importantes revistas francesas de educação, onde traçou uma paisagem da crise, a partir das principais dificuldades apresentadas e das soluções propostas. Para isso analisou a *Revue Française de Pédagogie*, *Le Débat*, *L'Esprit*, *Les Cahiers Pédagogiques* e *Le Monde de l'Éducation* entre 1980 e 2005.

As revistas citadas foram criadas em diferentes épocas, com intuítos distintos. A *Revue Française de Pédagogie* é uma das mais prestigiosas do mundo na área da educação, tendo abordagens diversas, como as da psicologia, sociologia, filosofia e história. Periódico acadêmico, foi publicado de 1967 a 2010 pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais e, desde então, pelo Instituto Francês de Educação. Os *Cahiers Pédagogiques* nasceram em 1945, com o espírito de democratização

educacional que predominou ao fim da Segunda Guerra Mundial. Inicialmente foi orientada para o ensino secundário, sendo atualmente dirigida para todo o campo da educação e com ampla penetração no corpo docente da educação básica, além dos acadêmicos. *Le Débat* foi fundada em 1980 pelo historiador Pierre Nora e surgiu como uma ferramenta de análise e discussão, para os grandes debates e questões do mundo contemporâneo. Em torno dos eixos sociedade, história e política, pretendia lutar ao mesmo tempo contra a redução midiática e a excessiva especialização acadêmica, por meio de ampla reflexão intelectual e crítica. *Le Monde de l'Éducation* foi uma revista publicada entre 1974 e 2008 pelo Groupe La Vie – Le Monde, sendo uma referência no tratamento de questões contemporâneas do sistema educacional francês. Em 2008 deixou de circular em papel, passando a suplemento do jornal e mantendo um sítio na internet. Foi uma das revistas mais influentes na França e no exterior, atingindo amplamente os educadores e o público interessado em educação. Finalmente *L'Esprit* é uma revista mensal independente, fundada em 1932 por Emmanuel Mounier, que visa a ilustrar uma abordagem geral contemporânea nos meios cultural e acadêmico, bem como decifrar as mudanças políticas, sociais na França e em todo o mundo. Portanto, o autor escolheu títulos que reúnem representatividade e influência.

Começando pela primeira, Giol distinguiu as dificuldades enfrentadas em três períodos distintos. Na década de 1980 identificou problemas de adaptação aos modelos democráticos e à sua pluralização, enquanto na década de 1990 começaram a surgir entraves de adaptação da escola à sociedade, assim como uma degradação das relações entre alunos, pais e instituições. A falta de autoridade dos professores, combinada com a não valorização dos estudos dentro da família, deu significado aos atos de violência. A escola contemporânea, ainda que democratizada, não aceita as diferenças e tenta transmitir conteúdos estruturados a uma sociedade pluralizada. Dessa forma, favorece aqueles cujas famílias têm valores idênticos aos da escola e exclui os restantes, resultando em

violência que expõe os alunos a julgamentos aterradores e destrói a sua autoestima. Paradoxalmente, uma educação de massa que pretende a democratização e a igualdade entre os alunos favorece a permanente competitividade, desfavorecendo os alunos de certas famílias e pondo em xeque os seus valores. Entre 2000 e 2005, os textos se concentraram no que a cultura deve transmitir e na sua relação com a modernidade. A escola foi posta em causa nos seus fundamentos, no sentido de que a própria ideia educativa, enquanto princípio normativo da escola, é tocada pela incredibilidade pós-moderna. Quanto à concepção educativa, muitos se referem aos fenômenos sociais, particularmente à “teoria da reprodução”, para analisar o funcionamento do sistema educativo.

Passando a *Le Débat*, o autor acentua que a revista se concentrou nas questões de políticas educacionais, por meio de entrevistas e mesas-redondas com ministros e intelectuais. Numa perspectiva diacrônica, destacaram-se duas temáticas: na primeira, a oposição entre a sociedade individualista atual e a noção de escola, em que o todo deveria sobrepor-se às partes. A escola, como representação holística da sociedade, é posta em causa desde o início. A centralização do processo educativo no indivíduo faz com que a aquisição de saberes seja mera apropriação, deixando de lado o fator da transcendência dos valores e colocando em debate o papel decisivo do fator interpessoal no ato de aprender. Simbolicamente, a liberdade individual “emancipou-se de todas as referências” e, portanto, da transmissão de tradição, não mais aceita pelos jovens, do mesmo modo que a cultura de autoridade simbólica reconhecida e respeitada. O autor afirma que, assim, é preciso repensar quais os valores a transmitir e de que formas. A segunda temática, a crise da escola francesa contemporânea, é atribuída a um espírito do tempo pedagógico e de reforma, que faz da democratização do ensino uma arma segura para uniformizar um empobrecimento cultural e desinstitucionalizar a educação, invertendo a prioridade do ensino como serviço público. A partir do alargamento indefinido das funções da escola surge um profundo problema de identidade da instituição escolar que remete à substituição da ideia de educação pela de instrução.

Por sua vez, *L'Esprit* enfoca as questões sócio-históricas e axiológicas da educação, onde se destacam cinco períodos: (1) um espírito conservador no início dos anos 1980; (2) de 1982 a 1984 as esperanças se acendem com a chegada da esquerda ao poder, principalmente no que diz respeito à democratização do sistema educativo; (3) de 1984 a 1990 aparecem as primeiras ressalvas quanto ao perigo de igualitarismos; (4) na década de 1990 surge a crítica à escola única; e (5) de 2000 a 2005 insiste-se na necessidade de reinstitucionalizar a escola. No que concerne ao último período, reflete-se sobre a abertura da

escola à sociedade, em face da incompatibilidade entre a proposta de massificação escolar recente e a permanência de uma instituição “hiperseletiva”, tradicionalista e elitista. Destaca-se a necessidade de criar condições para a escola como lugar para a diversidade, aberta a todas as mentalidades, níveis sociais, psicologias, deficiências e a todos os indivíduos. A escola deve assegurar as funções culturais fundamentais, tais como a transmissão de um mínimo de aquisição cultural e referências comuns, além de elaborar uma cultura geral (ainda que seja difícil a transmissão da cultura quando os jovens acham que já têm a sua própria).

Ademais, vários artigos de *L'Esprit* consideram que a escola deve ser um lugar de demanda simbólica, ligada ao fato de crescer, onde os adultos não podem abdicar do seu papel de educar e de proporcionar certeza e coerência, de modo que os alunos não caiam em contradições paralisantes. No que respeita à pluralidade das culturas, a escola deve procurar instalar elementos de um mundo comum, proporcionando ao aluno modos de se integrar a uma história coletiva particular.

*Les Cahiers Pédagogiques* e *Le Monde de l'Éducation* também apresentaram os problemas da massificação escolar e mudanças sociais após 1980. Refletiram sobre a democratização da escola e a exigência de menos autoritarismo, com maior poder às assembleias e às pessoas coletivas na escola (administração, pais e alunos), bem como de abertura, não no sentido de adaptação da escola às exigências da sociedade capitalista avançada, mas de mudanças com as coletividades locais, os representantes dos trabalhadores e as associações e movimentos. Não obstante, professores e estudantes foram vítimas de modelos baseados no ideal do bom aluno e da sua integração à norma, que não mais corresponde à exigência de adaptar-se à incerteza que o jovem enfrentará na vida adulta. *Le Monde* tratou das mesmas dificuldades da “escola única”, no sentido de saber se é possível escolarizar conjuntamente, num mesmo liceu, todas as classes da sociedade, sem a efetiva diminuição da seletividade do sistema educativo.

Na segunda parte do livro, Giol analisa a crise considerada por alguns periódicos como conjuntural e por outros como estrutural. Neste último caso, a crise da educação se liga à da modernidade porque a escola quer transmitir as metanarrativas, geradas por essa mesma modernidade, que já não se integram numa sociedade pós-moderna (*Revue Française de Pédagogie*). A crise da modernidade resulta na perda de crédito da dimensão transcendente (*Le Débat*), de tal modo que, numa sociedade de massa e pluralista, voltada a supervalorizar o presente, a escola encontra um problema de identidade, vez que se apoia na transmissão de valores pelos professores a alunos, os últimos com frequência considerados incapazes

pelos primeiros. Assim, a crise da escola está ligada à crise dos valores que a sociedade deve transmitir.

No fim do século XIX inicia-se a decomposição da sociedade, com a separação da Igreja e do Estado. O século XX assiste ao divórcio entre cultura e tradição, originando a fragmentação que caracteriza a pós-modernidade. Na sociedade resultante, os interesses individuais ou coletivos têm os seus próprios princípios normativos, em choque com os valores e normas que a escola precisa transmitir aos novos membros da sociedade, o que sustenta a ideia de crise geral da educação. A crise de autoridade surge do fato de a educação, que deveria ser responsabilidade do mundo, dos pais e dos educadores, tomar a forma de autoridade onde existe rejeição de assumir autoridade e, portanto, responsabilidade. Certos artigos do *Débat* percebem a crise da educação ligada à ausência de autoridade, uma vez que não se pode educar num mundo sem estrutura de autoridade nem de tradição.

Outra hipótese assenta na crise de inadaptação da escola à sociedade, cujos valores são opostos, pois a primeira pensa a longo prazo, ao passo que a última supervaloriza o presente (*Les Cahiers Pédagogiques* e *Le Monde*). Ademais, o espaço escolar é considerado anônimo, austero e desvinculado da evolução das tecnologias, estas onipresentes na vida das crianças. A escola adere ao modelo pedagógico da modernidade, onde o professor se preocupa apenas com a aquisição de saberes parcelados, sem sentido para os alunos, e se inscreve num mundo que pouco pertence à família e ao estudante. Muitas vezes transmitidos sem relação afetiva, os saberes escolares continuam a ser aprendidos sem investimento afetivo pelos alunos. Desse modo, longe de satisfazer às esperanças da democratização, a escola para todos deu lugar à desvalorização dos diplomas e à perda de legitimidade da própria educação.

A revista *L'Esprit*, por seu lado, denuncia uma crise ligada às políticas reformistas pelo excesso de reformas, muitas vezes tecnocráticas, entre as décadas de 1970 a 1990, que patenteiam a falta de realismo dos reformadores. O sistema educativo perdeu em parte o seu sentido, inclusive entre as diversas classes sociais na escola, por ter o objetivo esperado de conduzir os alunos ao ensino superior, o que explica em parte as grandes dificuldades, notadamente do ensino secundário inferior, num contexto de massificação. Dessa forma, o insucesso da democratização escolar começa com uma crise da norma intelectual e da legitimidade cultural, de modo que se faz necessário um esforço para ultrapassar esta crise, já que a escola não estava preparada para tal democratização. A crise da educação está ligada a uma crise da sociedade e de estrutura, e a análise detalhada revela fundamentalmente uma crise de doutrina, que explica em grande parte o insucesso das sucessivas reformas.

Em suma, o autor propõe que a crise da educação seja interpretada como uma crise conjuntural geral da modernidade, associada à inadaptação da escola aos valores e práticas da sociedade atual. Uma crise ligada às políticas educacionais que não atendem à sua época, em que, apesar do amplo acesso à escola, não se efetiva a democratização. Daí porque é preciso pensar na educação segundo outro paradigma. Poder-se-á agir também a partir da indispensável noção da multiplicidade de saberes pelo professor, de modo que o aluno não se feche na sua própria cultura e tenha contato com algo superior a ele, de modo a elevar-se como ser. Colocar situações de ensino-aprendizagem que permitam abordagem efetiva dos problemas das disciplinas em particular, mas também de domínios do saber menos escolares. Numa época de desconstrução de valores aliada à descrença na religião, vivemos num contexto onde a moral não tem lugar. Apesar de não ser imposta nenhuma crença específica ou a adaptação de regras autoritárias para a convivência em sociedade, podem, contudo, ser levantadas questões de ética do conhecimento e do que significa viver em conjunto e segundo quais meios. Cabe a todos gerar o pluralismo de concepções, bem como aceitar a ambivalência de uma secularização que, da mesma forma, libera e inquieta.

No mundo em rede, a modernidade no Brasil também se estilhaça. O mal-estar das pessoas e grupos e a perda de sentido da instituição se traduzem na crise de autoridade e nos hiatos entre alunos e professores, entre escola e vida, entre aspirações e realizações, entre promessas de democratização com qualidade e sua efetivação. Não raro a escola parece um marisco sem corpo, reduzido às suas conchas, o que remete à mudança paradigmática. Por ora, em grande parte ainda se concretizam as promessas do elevador social pelo diploma, porém é inegável o declínio do seu valor relativo, em face da sua multiplicação. Porém, o aumento do acesso à escola lhe traz populações diversas que não gostariam de nela estar ou de serem receptoras dos currículos que ela determina (ou é determinada por políticas obtusas). O saber acadêmico enciclopédico já é, para muitos alunos, uma enorme pílula dourada, difícil de engolir, contribuindo para as matrículas relativamente minguantes do ensino médio. Como na França, a escola, voltada para as tradições e o passado, torna-se uma espécie de cápsula histórico-cultural, suportada com dificuldade até pelos *herdeiros* do capital cultural, o que talvez explique, em parte, a “democratização” dos atos de violência, embora mais incidentes em certas realidades, onde a face da exclusão social se associa à da exclusão escolar. Em outras palavras, o ideal moderno de educação para todos encerra contradições não resolvidas, na medida em que as oportunidades de sucesso (e fracasso) se diferenciam multidimensionalmente no sistema

escolar. Por isso, parte desta crise é imanente à sociedade brasileira, enquanto outra parte a transcende e a insere no torvelinho analisado por Giol. Nossos descompassos entre passadismo e presentismo, culturas adolescentes/juvenis e escolares, democratização e seletividade, técnicas e valores, autoridade e autoritarismo, modernidade e pós-modernidade podem ser amplamente iluminados pela obra em tela, sem perdermos de vista as nossas particularidades. Não é demais lembrar que a modernidade nos veio da Europa, em especial da França. Aproveitemos, pois, estas reflexões em língua francesa, notando que parte muito significativa do conhecimento continua, ao menos por enquanto, a não se expressar na maré dominante da língua inglesa. Esta é uma pluralidade a ser valorizada e preservada, na medida em que a pós-modernidade envolve

tanto o rolo compressor globalizante como a ascensão das diferenças. O que, por sua vez, constitui outra contradição a resolver.

**ANA ISABEL BRASIL**

Mestranda em Educação na Universidade Católica de Brasília (Brasília, DF, Brasil).  
*E-mail:* <anapianista@gmail.com>

**CANDIDO ALBERTO GOMES**

Ph.D em Educação pela Universidade da Califórnia (Los Angeles, California, Estados Unidos da América) e professor na Universidade Católica de Brasília (Brasília, DF, Brasil).  
*E-mail:* <clgomes@terra.com.br>

Resenha recebida em janeiro de 2013.  
Aprovada em junho de 2013.